

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÕES E ARTES**

BRENDA SONNEWEND

BRUNA ARTHUSO DA SILVA

CAROLINA VACCHI

LANNA CRISTINA

LETÍCIA RODRIGUES

LIZANDRA BAPTISTA

NATÁLIA MONTEFUSCO LOPES

RAFAELA AQUINO PAIS

**ENSAIO SOBRE A MITOLOGIA NO CANDOMBLÉ**

SÃO PAULO

2016

BRENDA SONNEWEND - 4206323

BRUNA ARTHUSO DA SILVA - 9307186

CAROLINA VACCHI - 9307040

LANNA CRISTINA - 9306932

LETÍCIA RODRIGUES - 9051525

LIZANDRA BAPTISTA - 9306442

NATÁLIA MONTEFUSCO LOPES - 9306470

RAFAELA AQUINO PAIS - 9306550

## **ENSAIO SOBRE A MITOLOGIA NO CANDOMBLÉ**

Trabalho final de conclusão desenvolvido para a disciplina de Comunicação, Subjetividade e Representações. Sob orientação do Profº. Dr. Ricardo Alexino Ferreira.

SÃO PAULO

2016

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	4
2. Análise reflexiva e descrição da mitologia escolhida: Candomblé.....	5
2.1. Análise dos contos e da mitologia de Nanã Buruku pela perspectiva do poder do mito e saga do herói de Joseph Campbell.....	5
2.2. Análise da mitologia de Nanã Buruku pela perspectiva de Eclea Bosi.....	9
2.3. Análise da Mitologia de Nanã pela perspectiva da Psicologia Analítica Jungiana.....	11
3. Abordagem teórica de uma escola da comunicação: Escola de Frankfurt - A Indústria Cultural e seus desdobramentos sobre o cultura do Candomblé.....	13
4. Os desdobramentos do Candomblé e da orixá Nanã na cultura brasileira.....	14
5. Análise das entrevistas em vídeo.....	21
6. Conclusão.....	23
Anexos.....	24
Referências.....	29

## 1. Introdução

A mitologia escolhida por nosso grupo para ser analisada foi o Candomblé. De origem africana, e com matrizes africanas em sua prática no Brasil, essa crença trazida para o país pelos negros escravos é um fenômeno da junção de religiões por conta dos agrupamentos mistos nas senzalas que permitiram sua criação. Essa cultura religiosa cresceu na resistência contra o preconceito não apenas religioso, mas racial ao longo da história, estando crescente no Brasil e se tornando parte da cultura brasileira. O recorte escolhido pelo grupo para melhor analisarmos as formas de manifestações, ideologias e crenças da religião foi o orixá feminina Nanã.

Naná Buruku, cujo termo “nanan” significa raiz, aquela que se encontra no centro da terra, é a orixá dos mangues, do pântano, senhora da morte responsável pelos portais de entrada (reencarnação) e saída (desencarne) das almas, e senhora das doenças. Protetora dos idosos, desabrigados, crianças e doentes, Nanã é considerada o orixá mais antigo do mundo. Segundo a mitologia, quando Orunmilá chegou aqui para frutificar a terra, ela já estava aqui, e desconhece o ferro por existir desde a pré-história, anterior à idade do ferro. Ela também tornou-se uma das yabás (orixás femininas) mais temidas dentro do candomblé tanto que, em algumas tribos quando seu nome era pronunciado, todos se jogavam ao chão.

Através dos desdobramentos deste trabalho procuramos explorar o candomblé através da mitologia de Nanã Buruku, embasada nos estudos de Joseph Campbell sobre O Poder do Mito, de Memórias de Ecléa Bosi, a psicologia analítica de Carl Jung, além de averiguar como o candomblé se fortificou na cultura brasileira através da corrente da Escola de Frankfurt. No trabalho também há a análise e pesquisa com a especialista em candomblé Mariana Polini e com o praticante da religião Sérgio, onde ambos trazem suas experiências pessoais de forma a agregar não apenas o valor pessoal que a religião tem em suas vidas, mas também o conhecimento e as sabedorias que compõem os mitos de Nanã.

## **2. Análise reflexiva e descrição da mitologia escolhida: Candomblé**

### 2.1. Análise dos contos e da mitologia de Nanã Buruku pela perspectiva do poder do mito e saga do herói de Joseph Campbell

Em primeiro momento, a análise da história e dos contos do orixá feminina Nanã Buruku busca apresentar a mensagem e a representação do seu mito e identificar a jornada do herói nos quatro contos aqui estudados, através da perspectiva de uma das principais obras do autor norte-americano Joseph Campbell, “O Poder do Mito”.

Nanã, como já dito anteriormente, é considerada a mais antiga de todos os orixás, sendo uma das mais poderosas e caracterizada com uma personalidade forte, instável, ranzinza e que afasta os homens por lhes dar medo. Respeitada e temida, seus poderes estão relacionados às águas paradas e a lama, ao barro e a argila, é a deusa das chuvas e da terra, é a origem e o poder. Dela sai o barro primordial que dá a vida e força física aos Homens perfeitos e imperfeitos, como observado no conto 93.

Desta forma, dentro dos conceitos mitológicos de Campbell, Nanã é uma figura aterrorizante e temida exatamente pelo significado que carrega e pela mensagem que quer transmitir. Para o autor, o mito tem como função representar a busca pelo entendimento de sua própria existência, servindo de metáfora e espelho para as angústias humanas. Por ser o barro, Nanã é o princípio de tudo, relacionada aos aspectos de formação das questões humanas, de um indivíduo e de sua essência. Também é relacionada aos abismos, tomando o caráter do inconsciente e do lado humano incerto.

Como todo herói, Nanã deve transmitir uma mensagem que cause identificação em seus altos e baixos. Para seus estudiosos e filhos no candomblé, entender Nanã é entender o destino e a trajetória do Homem na Terra, pois ela é a História, que se faz através da origem (barro) e da água parada (vida e morte) que a representam.

Nos quatro contos sobre o orixá que escolhemos para estudar, vemos como desde a criação do Homem até seus desafios pessoais, suas vitórias e derrotas se assemelham a das pessoas comuns. Seu desfecho não é dito nos contos, porém o

mito diz que ela vive sozinha no lamaçal e com as águas paradas. Do mesmo modo que os heróis clássicos inspirados nos conceitos de Campbell, Nanã percorre a jornada do herói na sua história.

Diferentemente da literatura, nos quatro contos aqui trabalhados sua jornada não é contada consecutivamente como na “receita” de Campbell sobre os doze estágios da jornada do herói. Os contos, muito semelhantes à estrutura de poemas, contam levianamente quatro das muitas histórias de Nanã, e são apresentados no livro de Reginaldo Prandi de forma não cronológica. Contudo, é possível analisar os quatro contos e identificar as etapas da saga do herói de Nanã.

A Jornada do Herói construída por Campbell diz respeito a doze estágios que todo herói percorre em sua trajetória. São eles: *mundo comum, chamado da aventura, reticência do herói, encontro com mentor, cruzamento do primeiro portal, provações, aliados e inimigos, aproximação, provação difícil, recompensa, caminho de volta, ressurreição do herói e regresso com o elixir*. Cronologicamente, a história de Nanã se dá com sua ajuda no início do mundo, na criação do homem, passando por seu romance com Oxalá, a rejeição do mesmo, seus três filhos que ela abandona, seu desentendimento com Ogum e seu retorno para as águas paradas onde vive. Analisaremos cada estágio de acordo com os contos de Nanã, de modo a observar como, sutilmente, sua mitologia se constrói.

No “mundo comum”, ou mundo do herói antes da história começar, encontramos no conto 93 Oxalá encarregado de construir o mundo e o ser humano. Oxalá, entretanto, falha em todas as suas tentativas. O mundo comum aqui precede a existência humana, onde Nanã já existe e o ajuda a ser criado.

No “chamado da aventura”, ou desafio apresentado ao herói, Nanã vendo a dificuldade de Oxalá, surge e lhe entrega barro para criar o homem, e assim se faz.

Em “reticência do herói”, ou recusa do chamado da aventura, vamos no conto 95 Nanã hesitando em seu comportamento habitual de apenas ouvir as reclamações da mulher. Guiada por seu mentor, Oxalufã, Nanã ouve a mulher e o homem, mudando seu julgamento de castigar (aventura) apenas o homem.

Em “encontro com o mentor”, um mentor que faz o herói aceitar o chamado e o informa e treina para sua aventura, vemos Nanã no conto 95 conhecendo Oxalufã, responsável por mudar sua conduta e suas ações a partir de então.

“Cruzamento do primeiro portal”, onde o herói abandona o mundo normal para adentrar ao mundo especial, é um estágio muito simbólico na história de Nanã. Diferentemente dos heróis comuns, onde a travessia de mundo é literalmente física, a transição de Nanã é espiritual e acontece quando Oxalufã, no conto 95, serve a ela *omi eró*, bebida que a acalma, mudando seu comportamento antes agressivo, até o fim do conto.

“Provações, aliados e inimigos” como o próprio nome diz, é sobre reconhecimento de aliados e inimigos, aparecendo duas vezes nos contos, uma no 95 e outra no 96. No conto 95, Nanã retorna a sua casa e percebe que Oxalufã manipulou seus *eguns*, e mesmo contrariada, aceita a condição porque está apaixonada. No conto 96 é clara a rivalidade de Ogum e Nanã, rivalidade que se gera conflitos ao longo de toda sua história.

“Aproximação”, ou êxito do herói durante as provações, aparece novamente com Oxalufã no conto 95, quando Nanã consegue manipulá-lo e se deitar com ele, como era de vontade dela, mas não dele, e quando Nanã bane todos os artefatos de metal de seus rituais devido sua desavença com Ogum, conseguindo manter a rotina sem os objetos.

“Provação difícil ou traumática” é a crise na aventura, e é identificada no conto 95 quando Oxalá nega um filho com Nanã, e não aceitando, Nanã o faz beber um pó mágico e adormecer, conseguindo então dormir com ele. Ao despertar, Oxalá não aceita a atitude de Nanã, a abandonando para viver com Iemanjá. O abandono é a crise na história de Nanã.

“Recompensa” é quando o herói enfrenta um medo ou obstáculo grande e o supera, conseguindo um “prêmio” em troca. Na história, podemos identificar como obstáculo a relutância de Oxalá em ter um filho com Nanã, porém ela não aceita o não, o manipula e após dormir com ele, engravida. O filho de Nanã, Omulu, é a recompensa pela coragem de Nanã de enfrentar Oxalá. O curioso nesse estágio da vida de Nanã é que ainda que sua recompensa seja o filho que ela desejava, o

menino vem a nascer “defeituoso” exatamente pela atitude tomada pela mãe, sendo mais tarde abandonado pela mesma, como conta o conto 94.

“O caminho da volta”, ou regresso ao mundo comum, não é citado nos contos aqui trabalho, entretanto se sabe que após Oxalá abandonar Nanã para viver com Iemanjá, Nanã passa habitar as águas profundas e o lamaçal.

“Ressurreição”, ou teste em que o herói enfrenta a morte e deve aplicar todos os conhecimentos adquiridos, vemos Nanã desafiar os outros orixás quando estes querem eleger Ogum o mais importante de todos os orixás. Contrariada de sua opinião, Nanã desafia Ogum dizendo que nunca mais usará metais ou deixará que sejam usados em seu favor, conseguindo êxito na tarefa do conto 96.

Por último, “regresso com o elixir”, o herói deve retornar com um bem comum que ajude a todos no mundo, e na história de Nanã, que é a responsável pelo início da vida do homem através da lama, o preço a ser pago por todo humano é retornar para Nanã a matéria que o fez, ou seja, a lama é o elixir que Nanã dá ao homem na vida e pede de volta na morte, história do conto 93.

A história de Nanã, assim como de todos os outros orixás, não possui uma sequência de fatos concretos para cumprir toda jornada do herói em uma só história, mas ainda assim, é possível identificar os altos e baixos de sua vida.

No ponto alto de seu livro, Campbell fala sobre o legado deixado pelo herói na história da humanidade, assim como o Círculo identificado em todas as histórias mitológicas religiosas. Nanã, como já dito, é a História dos humanos e da terra, conhecer a Nanã é conhecer a si mesmo, não podendo ela deixar um legado para a humanidade porque ela é a humanidade. A ideia do Círculo é comum em todas as religiões, ainda que estas não tenham qualquer vínculo geográfico ou temporal, tem como objetivo representar a ideia do início e do fim da jornada, da vida e da morte, que sempre há um começo e um final. Nanã é o princípio, o meio e o fim, o nascimento, a vida e a morte, se reafirmando mais uma vez como a essência da representação do mundo e dos conceitos que norteiam a criação do mito de Campbell.



## 2.2. Análise da mitologia de Nanã Buruku pela perspectiva de Ecléa Bosi

Ecléa Bosi, em sua obra “Memória e Sociedade: lembrança de velhos” dedicou-se a pesquisar o ato de lembrar. Em uma sociedade tecnicista e capitalista, em que tudo é transformado em moeda de troca, o compartilhar da memória passa despercebido pela lógica do mercado. Contudo, o ato de relembrar em conjunto é na verdade uma forma de trabalho que possibilita o aprimoramento das relações humanas e dos acontecimentos presentes e até mesmo uma análise mais sólida do acontecer futuro. Diferentemente do que a lógica do mercado tenta impor, o reconhecimento da lembrança dos velhos é essencial para a transformação da consciência humana. Legitimar a memória dos velhos é compreender o valor da vida passada de modo a conduzir com maior segurança o futuro. A partir das histórias das personagens trazidas por Bosi, é possível compreender a nova função social da velhice em meio ao esvaziamento do conhecimento regido pela sociedade em que o fluxo de informações corre cada vez mais intensamente. Os velhos possuem a função de contar aos mais novos suas histórias, seu trabalho ao longo da vida de modo que é propiciado a esses últimos uma carga grandiosa de informações capaz de contextualizá-los no tempo presente; contudo, quando não reconhecido esse trabalho presente de contar aos seus demais suas lembranças, todo o trabalho pretérito pelo qual passaram é deslegitimado.

Em paralelo, Nanã Buruku, no Candomblé, é a responsável pela decantação das memórias dos seres. Isto é, atua no processo essencial de reencarnação dos espíritos que permite que eles entrem em suas novas vidas sem a memória das respectivas vidas passadas. Nanã é a senhora dos pântanos, da lama e do barro. É a lama, misturada com a terra que é capaz de moldar o espírito, de modo que o barro de Nanã é o responsável por decantar a energia negativa e maturar o espírito, por meio da sabedoria que Nanã permeia. Temos, desta forma, uma espécie de “polimento” da evolução, de modo a retirar o excesso e inserir aquilo que lhe falta o espírito deixando-o pronto para reencarnar. Nanã é essencial para o fazer esquecer e o consecutivo deixar morrer para que ocorra o renascer uma vez que a memória da vida poderia interferir o destino traçado para a nova encarnação.

Para o Candomblé, Nanã representa dentre muitas outras características, a maturidade, à senilidade e a velhice, por carregar consigo o elemento da memória

ancestral. É por isso que é muitas vezes chamada de avó, a qual, com sua energia amorosa maternal representa o colo que aconchega e o acolhimento das dores, ajudando até mesmo a transformá-las com sabedoria. Nanã é constantemente associada à senilidade e à velhice, período em que muitas pessoas tomadas pela idade, começam a se esquecer do vivenciado ao longo da vida.

Assim, é possível traçar estreita relação entre a memória dos velhos definida por Bosi e a representação da memória carregada por Nanã. Se, para Bosi, os velhos possuem uma memória inegável capaz de ajudar a compreender o presente, Nanã é aquela responsável por decantar a memória para que essa não interfira na próxima vida, dada a tamanha importância da lembrança. Além de sua função essencial no processo da reencarnação, a qual afirma a história dos velhos como elemento de potencial interferência futura, Nanã representa a maturidade trazida por Bosi. Nanã, “guardiã” da memória, reorganiza a memória do universo assim como nas sociedades de memória, as quais, diferentemente dos contextos dos relatos trazidos por Bosi, enaltecem o vivido pelo ancião e reconhecem sua estrada de vida. Na África “nanã” descrevia aquelas mulheres, independentemente de que filho de Orixá que fosse possuíam muita sabedoria.

Concomitantemente, é Nanã que não somente, como bem visto em seus contos, é a justiceira, mas também é aquela que acolhe e utiliza a sabedoria; é Nanã que é avó e acalenta as dores do outro. Consoante com a figura do velho que possuímos, aquele que aconselha e trabalha, mesmo no declínio físico da vida, para o outro; aconselhando-o, advertindo-o e dirigindo-o.

Pode-se também ser acolher aquela crítica absorvida nos textos de Bosi. O homem, rodeado pela sociedade voltada para o mercado e do intenso fluxo de informações, tende a escolher lembrar aquilo que lhe interessa para as necessidades imediatas, de modo a renegar as lembranças passadas e a memória dos velhos. Nanã, por outro lado, possui o poder de deletar as memórias mas, mesmo assim, acalenta seus demais com sua sabedoria quando requisitada. Embora o ser renasça sem sua lembrança da vida anterior, é por Nanã possibilitado que aprenda a cada dia mais com os velhos e com a própria. Essa característica, embora à primeira vista possa revelar-se como uma contradição, revela na verdade como a reencarnação pode ser muito próxima da lembrança, diferentemente da clara

indissociação entre o trabalho e a memória carregada atualmente pela sociedade imediatista e passível de crítica na obra de Ecléa Bosi.

### 2.3. Análise da Mitologia de Nanã pela perspectiva da Psicologia Analítica Jungiana

As religiões, de modo geral, tal como os mitos, trazem para a consciência elementos simbólicos e imagens arquetípicas que estão presentes no inconsciente coletivo. Antes de iniciar a análise dos elementos simbólicos da Orixá Nanã, é preciso explicar sobre o inconsciente coletivo segundo Jung:

Uma camada mais ou menos superficial do inconsciente é indubitavelmente pessoal. Nós a denominamos inconsciente pessoal. Este porém repousa sobre uma camada mais profunda, que já não tem sua origem em experiências ou aquisições pessoais, sendo inata. Esta camada mais profunda é o que chamamos inconsciente coletivo. Eu optei pelo termo "coletivo" pelo fato de o inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são 'cum grano salis' os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, constituindo portanto um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2000)

Com base nesse conceito de Jung, na mitologia do Candomblé é possível identificar muitos elementos do inconsciente coletivo, porém, para essa análise será destacada a Orixá Nanã e os conteúdos do inconsciente coletivo, o arquétipo. Para Jung (2000) "Os conteúdos do inconsciente pessoal são principalmente os complexos de tonalidade emocional, que constituem a intimidade pessoal da vida anímica. Os conteúdos do inconsciente coletivo, por outro lado, são chamados arquétipos".

A criação da vida a partir de elementos da natureza é abordada por muitas religiões, no caso do Candomblé um de seus mitos conta que Oxalá foi encarregado por Ogum para a criação do homem, este tentou utilizar vários elementos da natureza, porém, sem sucesso. Nanã ajuda Oxalá fornecendo a lama para modelagem do homem. Segundo o mito "Naná deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã". A

água é um dos elementos mais comuns do inconsciente, Para Jung (2000) a água significa psicologicamente o espírito que se tornou inconsciente.

Nanã é uma orixá antiga, surge desde a criação do mundo, é representada geralmente como uma idosa séria e prudente, ela é sempre relacionada à figura de “vó”. O arquétipo de sábio pode ser associado a Nanã, o sábio é aquele que guia para a libertação através da liberdade, ajuda a enfrentar grandes questões e entender o significado da vida e da morte, Nanã participou da criação da vida e exige a lama, fornecida no início, de volta no momento da morte.

Nanã é muito respeitada e temida, é a juíza que castiga aqueles que cometem delitos, também é relacionada à saúde e doença, pode ser à lembrança constante da morte.

Os filhos dos orixás apresentam as características daquele orixá no qual foi iniciado, ao conhecer as divindades, o adepto ampliará os conteúdos arquétipos e terá a percepção de um mito pessoal, se formando a partir do coletivo.

### **3. Abordagem teórica de uma escola da comunicação: Escola de Frankfurt - A Indústria Cultural e seus desdobramentos sobre o cultura do Candomblé**

A escola de Frankfurt foi uma corrente filosófica e sociológica nascida na Alemanha nos anos 30 e teve por objetivo o estudo de diversas áreas, como a literatura, música, os meios de comunicação, cultura e ideologia. Dentre os grandes pensadores dessa Escola, encontra-se Theodor Adorno e Marx Horkheimer, criadores de um conceito base para os estudos de mídia: a indústria cultural.

Na indústria cultural o objetivo não é transmitir o conhecimento ou fazer refletir, pelo contrário, é padronizar pensamentos e produtos de forma a vender cada vez mais, pois seu objetivo final é obter lucro de onde for possível. A cultura, nesse caso, passa a ser mais uma mercadoria a ser explorada comercialmente, seja ela a música, literatura, o entretenimento, produtos básicos de necessidade humana e até o próprio Homem.

Mas, segundo os autores, para a massificação ser, de fato, efetiva, é necessário um fator: a alienação dos consumidores. É necessário que seja apresentada uma visão unilateral e mútua. O conformismo e a passividade sem questionamentos são a base para o consumo na indústria cultural.

No Brasil, um país predominantemente católico com crescente adoção do protestantismo, religiões de matrizes africanas como a Umbanda e o Candomblé, entre outras, são vistas de modo pejorativo e distorcido. Para a maioria da população essas religiões são unicamente ligadas à práticas negativas e prejudiciais, como a conhecida “macumba” e “amarrações”, sofrendo uma forte repressão e preconceito religioso.

Entretanto, é visto um crescimento na repercussão das religiões de matrizes africanas de forma positiva, através de grandes mídias como telenovelas e músicas. No candomblé, a figura da orixá Iemanjá é o exemplo mais claro e repercutido, sendo sua figura associada diretamente ao mar e, diferente de outros orixás, à práticas ligadas ao bem, como proteção, e não ao mal.

#### **4. Os desdobramentos do Candomblé e da orixá Nanã na cultura brasileira**

O Candomblé é uma religião complexa e estruturada em torno de diversos mitos e representações. Com seus arquétipos e valores definidos, bem como símbolos e associações, não lhe faltam representações nas mais diversas produções, que exploram seu caráter e rituais.

Os rituais do candomblé são parte essencial para compreensão da religião. É no ritual, por exemplo, que os mitos são atualizados e o conhecimento ancestral é presentificado, apresentando segredos primordiais. As narrativas míticas tem o papel de ensinar o que é preciso saber para que a plenitude existencial seja alcançada, bem como equilíbrio com a natureza (ponto de vital importância fundamental para o candomblé e associado a todas as narrativas de seus Orixás) e com o cosmo.

O historiador Mircea Eliade resgata em sua obra “Mito e Realidade” (2007) o sentido do mito, mantendo-o ligado aos ritos, tradições e busca pelo sentido da existência. o autor traz, também, a importância deste conhecimento para entender não somente grupos sociais particulares, mas para a compreensão de estruturas míticas na sociedade atual.

O candomblé também ressalta a importância de estabelecer a conexão com seus ancestrais e obedecê-los. Para o antropólogo brasileiro Júlio Braga (1992, p. 95), esta consciência da ancestralidade afro-brasileira inerente ao candomblé foi um ponto importante para que a identidade negra no Brasil pudesse ser consolidada, bem como para o enraizamento das religiões de matriz africana no país. Sua fixação na cultura tem sido representada por diversas mídias.

O candomblé tem ganhado espaço na difusão cultural nacional. Recentes folhetins da rede Globo, como “Velho Chico” e “Meu Pedacinho de Chão” traziam personagens ligados a religiões africanas e apresentavam superficialmente estas, sendo o aspecto teórico e filosófico destas abordado em detrimento dos rituais presenciais e costumes, por ainda ser encarado de maneira negativa pela maioria

cristã do público destas novelas, sendo inclusive proibidas<sup>1</sup> por grupos religiosos contrários.

A maneira rasa com que estas religiões são abordadas em histórias que são amplamente divulgadas e conhecidas por uma grande parcela populacional pode ser um desserviço para estas culturas. Os personagens não possuem facetas multidimensionais ou profundidade ao abordar a religião. Este fenômeno é abordado por Alexino (2015) ao tratar do conceito de Etnomidialogia.

Nesse caldeirão efervescente de complexidade de culturas é possível observar que a mídia apresenta dificuldades no trato desses fenômenos paradoxais e complexos. Muitas vezes, os veículos de comunicação na tentativa de informar os fenômenos os colocam desvinculados de contextos histórico-culturais e eliminam as conexões, transformando os acontecimentos em meros fatos. (ALEXINO, 2015)

O filme “Besouro” (2009), por exemplo, levou o candomblé brasileiro para o reconhecimento internacional através de metáforas e representações dos orixás em uma história situada na Bahia do século XX (evidenciando os vestígios da escravidão assolando a população negra). A figura de Nanã pode ser encontrada em Dona Zulmira, guia espiritual do protagonista e a figura de proteção. Dentro do candomblé, a obrigação para com seus ancestrais e o respeito mandatório aos mais velhos reflete no tratamento que os mais jovens dão as figuras mais velhas e, no filme, ao respeito com que Besouro trata a senhora. Tão grande é a importância de seu caráter maternal que, quando dança no Candomblé, seus braços imitam o movimento de embalar uma criança, por exemplo.

A falta de informação, a confusão e o preconceito, entretanto, representam uma barreira a ser transponida no processo de difusão do candomblé na cultura brasileira. O filme, por representar de maneira superficial o candomblé, pode trazer confusão para indivíduos que, ao assistir, não estabelecem uma relação entre o filme e religião. O fato de o personagem não ser atingido de maneira alguma por tiros, por exemplo, é a representação de ter seu “corpo fechado” por uma entidade, fato que acontece ao protagonista durante uma passagem do filme.

Um dos pontos cruciais do longa é a manifestação das forças da natureza ao longo da trajetória do protagonista, através da aparição de Orixás do Candomblé.

---

<sup>1</sup> Grupos religiosos "excomungam" as novelas da Globo: Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tvfolha/tv2503200112.htm>>

Besouro encontra diversos orixás ao longo do longa e, ao encontrar Exu, uma característica importante do candomblé é evidenciada pela fala da personagem: “Sou exu, faço o bem para quem faz bem e o mal para quem faz mal”. No candomblé não há distinção entre o bem e o mal por parte dos orixás e o puritanismo evidente nas religiões católicas.

A partir dos anos 60, com a valorização étnica e a diversidade cultural apreciadas por produtores e consumidores culturais em oposição ao período político restritivo ditatorial, elementos culturais da cultura negra foram, por vezes, apropriados, apresentados e reconhecidos oficialmente. Entre tais elementos, está a religião, e o uso desta prática popular foi ressignificada. Tem-se: “O candomblé como algo 'exótico', atraente para o turismo, pode ser lido como uma revelação de que o país era uma soma diversificada, colorida e tropical de manifestações adstritas, mas não exclusivas, ao âmbito regional.” (Jocélio Teles dos Santos, 2005).

O candomblé se expandiu no cenário sonográfico e adquiriu prestígio ao se consolidar, na década de 80, como religião de conversão universal, deixando de ser uma religião exclusivamente de negros (Silva & Amaral 1996). Isto gerou um crescente aumento de produção de música com presença das religiões afro-brasileiras, que tiveram seus elementos utilizados na composição de obras.

A Música Popular Brasileira tem sido, desde então, um veículo divulgador deste universo religioso afro-brasileiro, pois permite que pessoas que não são adeptas de tais religiões tenham contato com o contexto destas pela música. A MPB é capaz de ressignificar os mitos e divulgá-los.

A canção “Nanaê, Nana Naiana”, composta por Sidney da Conceição e interpretada por Clara Nunes, traz representada a orixá aqui analisada. Nanã Burokê tem seu lado justiceiro apresentado na canção, motivo pelo qual é chamada por mulheres que buscam defender-se da agressão dos homens. A escrava da música se apega a Nanã para defender-se da maldade de seu senhor. Em uma análise discursiva, é possível observar esta canção como uma metáfora: ela traz a resistência do negro à opressão branca recorrendo à religião.

“Nanaê, Nanã, Naiana, Nanaê (eh eh)

Nanaê, Nanã, Naiana



Como o mano irmana na jangana

Como o mano irmana na

jangana,Nanaê (Auá!)

Nanaê...

Cantava pra sinhazinha dormir ao luê

Pra ir pra debaixo do pé de café

Fazer canjerê,Nanaê (Ah!)

Nanaê,Nanã,Naiana...

Se sinhazinha acordasse

Antes de Nanaê chegar e começasse

a chorar

Senhor mandava amarrar Nanaê

E chibatar Nanaê (Ah!)

Nanaê,Nanã,Naiana...

Mas Nanaê,

Se incorporava de Nanã Buruquê

E não sentia a pancada doer

Nanaê...(Ah!)

Nanaê,Nanã,Naiana...

Sinhazinha ninada,embalada no cantar

da negrotina Nanaê

Herdou todo o seu ser

Hoje em noite de luana é sinhazinha

Quem vai dançar na Mujungana,Nanaê

(Ah!)

Nanaê,Nanã,Naiana..."

As redes sociais também têm sido um ponto relevante para a difusão de conteúdo relacionado a religiões de matriz africana e para o encontro de adeptos e praticantes. A privacidade de grupos de interesse permite que os rituais e crenças sejam expostos entre admiradores e as páginas públicas divulgam conteúdo orgânico que pode ser compartilhado por mais usuários, garantindo a visibilidade de orixás e informações a respeito do candomblé.

Em posts de grupos de simpatizantes do Facebook, a página “Nossa Casa” divulga informações a respeito da orixá em comemoração ao seu dia, 26 de julho: “Um dos campos de atuação de Nanã é a “memória” dos seres. Por isso, é o Orixá que rege a velhice, a senilidade, por estar associada à época de nossas vidas em que já começamos a não ter lembrança de tudo que nos acontece.” E ainda “E, se Oxóssi aguça o raciocínio, ela adormece os conhecimentos do espírito para que eles não interfiram com o destino traçado para toda uma encarnação”.

Trazendo o mito de Nanã para a área de simbologia e representação, um outro membro publica: “Pertencem a Nanã os búzios, que simbolizam morte, por estarem vazios e fecundidade porque lembram os órgãos genitais femininos, entretanto, o que a melhor sintetiza é o “grão”, pois, além de Nanã possuir domínio sobre a agricultura e desenvolvimento do homem, todo “grão” tem que morrer para germinar. Nanã é que dá nascimento às sementes permitindo transmutação e transformação contínua para que nada se perca.” A orixá representa, assim, a antítese da morte e da vida. Esta antítese é adotada por seus filhos, e um deles comenta em uma publicação: “Irmãos, temos que parar com receios e aceitar que a morte faz parte da vida. Sim, ela é senhora da Terra, do chão, logo, será a que sepultará o corpo que deu como empréstimo ao encarnado (lembra da lama da criação?).”

A lenda de nanã e a criação do homem: Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos. Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada. Foi então que Nanã veio em seu socorro, apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu cetro e arma, e de lá retirou uma porção de lama.

Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nana.

Oxalá criou o homem, o modelou no barro, com um sopro de Olorum ele caminhou, com a ajuda dos orixás povoou a terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nana Buruku. Nana deu a matéria no começo, mas quer de volta no final tudo o que é seu. (UMBANDA: Grande Curso Completo, 2015)

**Tabela 1 – Características do Orixá Nanã**

Cor	Roxa ou Lilás
Fio de Contas	Contas, firmas e miçangas de cristal lilás.
Ervas	Manjeriçã Roxo, Colônia, Ipê Roxo, Folha da Quaresma, Erva de Passarinho, Dama da Noite, Canela de velho, Salsa da Praia, Manacá.
Símbolo	Chuva
Pontos da Natureza	Lagos, águas profundas, lama, cemitérios, pântanos.
Flores	Todas as flores roxas.
Essências	Lírio, Orquídea, limão, narciso, dália.
Pedras	Ametista, caxenita, tanzanita
Metal	Latão ou Níquel
Saúde	Dor de cabeça e Problemas Intestino
Planeta	Lua e Mercúrio
Dia da Semana	Sábado (Em algumas casas: Segunda)
Elemento	Água
Chakra	Frontal e Cervical
Saudação	<b>Saluba Nanã</b>
Bebida	Champanhe
Animais	Cabra, Galinha ou Pata. (Branças)
Comidas	Feijão Preto com Purê de Batata doce. Aberum. Mungunzá
Número	13
Data Comemorativa	26 de julho
Sincretismo:	Nossa Senhora Santana
Incompatibilidades:	Lâminas, multidões.
Qualidades:	Ologbo, Borokun, Biodun, Asainán, Elegbe, Susure

Fonte: Portal do Babalorixá Marcos Muzenza

## 5. Análise das entrevistas em vídeo

A primeira entrevista foi realizada com Sérgio, que conta sobre sua iniciação na religião do Candomblé, suas experiências, seus orixás Odé (Oxóssi) e Oyá (Iansã), e suas impressões e conhecimento sobre o orixá Nanã. Tendo sido influenciado desde pequeno por sua família a realizar as práticas do Candomblé, Sérgio conta que quando criança não se sentia muito a vontade e tinha até medo de participar dos encontros porque não entendia suas razões e os desmaios que tinha, se distanciando da religião.

Quando adulto, tentou se encontrar em outras religiões como a Católica e a Umbanda, mas nunca se sentiu completo ou feliz. Os desmaios continuaram e ele afirma que dizia coisas em Iorubá (língua de origem africana) sem perceber, sendo levado constantemente a hospitais e médicos. Sem entender o que se passava com ele, hesitava em seguir os conselhos da família de fazer sua iniciação no Candomblé e os rituais. Quando finalmente decidiu tentar, percebeu que havia realmente se encontrado na religião, dizendo que sua vida tinha mudado, voltava ao normal na verdade. Para ele, o Candomblé é uma religião de aceitação, sem qualquer tipo de discriminação.

Sérgio também fala sobre Nanã e o que o orixá representa para ele, seu respeito máximo por ela, pela divindade da morte e da vida e o respeito pelos anciãos, além do temor. Conta de sua história que Nanã é um dos orixás primordiais da religião, dizendo que pensa na origem dela representada pelo pântano, como origem da vida. Fala também sobre o filho de Nanã, abandonado por ela por estar doente e que foi criado por Iemanjá, contando que o orixá não gosta de chagas e tem uma profunda relação com a vida e a morte. É um orixá idoso, com um caminhar característico, músicas calmas e lentas que a representam como anciã. Seus filhos são calmos, generosos, mas sua ira pode ser incontrolável, sendo temidos como ela. Sérgio conta que tem respeito e temor pelo orixá, sempre fazendo reverências, pois na hierarquia Nanã se encontra bem acima por já ter vindo como orixá ao invés de se tornar um. Não costuma realizar saudações à Nanã pois não é o orixá com o qual foi iniciado e tem mais afinidade.

Percebe-se que Nanã inspira muito respeito e temor por parte dos praticantes da religião. Seus contos tratam da vida e da morte, em que sua personalidade

transparece a calma e sabedoria de uma anciã, mas a falta de paciência que provoca sua ira também. As histórias dos orixás influenciam diretamente os praticantes de Candomblé, pois sua iniciação e saudações durante os rituais são direcionados aos orixás com que mais se identificam.

A segunda entrevista foi realizada com a pesquisadora Mariana, que conta sobre as origens do Candomblé, seus orixás e principalmente sobre Nanã, suas características e história. Além de também falar sobre diferenças entre Candomblé e Umbanda, Mariana fala sobre as religiões afro-brasileiras, o preconceito que sofrem na sociedade brasileira e como os praticantes da religião vêm atuando.

Mariana explica que o Candomblé é originário de uma mistura entre a cultura africana e língua Iorubá com a estrutura social brasileira, tendo surgido a partir dos escravos que queriam manifestar sua religião e, frente às imposições europeias no Brasil, tiveram a influência dos santos católicos e da língua brasileira que se formava. A pesquisadora fala sobre os orixás e como representam os quatro elementos (terra, fogo, água e ar), da estrutura hierárquica da formação dos orixás e como são forças energéticas para a religião.

Sobre Nanã, conta que o orixá é a representação de uma avó, ranzinza e rabugenta, mas também cuidadora e protetora, uma anciã que ensina e também corrige. Tendo sua origem e atuação relacionadas à água, chuva, pântano e terra molhada. Suas cores são nos tons de roxo, sua representação física é de uma senhora velha, cansada, um pouco rabugenta mas tranquila, afetuosa e preocupada.

Mariana também cita a história do abandono do filho de Nanã, Obaluaê, que representa a saúde, mas também as doenças. A pesquisadora considera esse o principal mito do orixá, que sendo senhora das terras e dos lagos tem seu filho criado por Iemanjá. Esse conto caracteriza a personalidade de Nanã, que apesar de dar a vida a Obaluaê não tem a paciência de lidar com suas doenças.

Sobre as diferenças entre Umbanda e Candomblé, a pesquisadora explica que apesar das mesmas características dos orixás, a Umbanda tem sete diferentes linhas espirituais e o Candomblé preserva as raízes africanas. Além das diferenças conceituais e de práticas, as religiões enfrentam o preconceito da sociedade brasileira, que vem sendo mais amplamente discutido após a intolerância religiosa

ser tema da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A partir desse questionamento, Mariana fala sobre suas próprias experiências na desconstrução de preconceitos vividos diariamente em falas que agridem e ajudam a perpetuar os conhecimentos errôneos sobre a religião. Explica, por exemplo, a questão da palavra “macumba” utilizada pejorativamente na maioria das vezes para indicar oferendas e trabalhos das práticas religiosas, mas que na realidade significa madeira de uma árvore africana com a qual se faz instrumentos tocados nos terreiros.

## 6. Conclusão

Conforme analisado, a partir de pesquisa teórica embasada em conhecimentos de psicólogos, estudiosos e pesquisadores, o presente ensaio tinha o objetivo de apresentar de que forma os mitos estão presentes dentro do Candomblé. E, a partir daí, desmistificar todo o tabu que envolve a religião afro-brasileira realizando entrevistas com arquétipos e uma pesquisadora da área.

A partir daí, percebemos que, apesar de existir toda uma mistura de culturas envolvidas na origem do Candomblé, do Cristianismo e de religiões africanas, percebemos que a estrutura dos contos sempre segue um padrão. Os heróis sempre ocupam o mesmo espaço se analisarmos cada mitologia dos Orixás mesmo que cada um tenha uma representação distinta.

Conhecida de maneira superficial pela população brasileira, a religião sofre extremo preconceito e é fruto de diversos estereótipos e, além disso, muitas vezes é confundida com a Umbanda no imaginário popular. E, apesar de sofrer com diversas barreiras dentro do próprio lugar de culto que por deveras vezes é atacado, a religião continua se perpetuando dentro dos espaços que conquista.

O trabalho, além de tudo, foi uma grande fonte de aprendizado para todos os seus participantes, uma vez que, nenhum deles são praticantes. E, tornou-se um marco importante para cada um, uma vez que entramos em contato com pessoas que agregaram valores não apenas ao trabalho escrito, mas à vida de cada um.

## ANEXOS

A ordem cronológica dos contos na história da Nanã é: **93, 95, 94 e 96.**

### *Nanã fornece lama para a modelagem do homem [93]*

Dizem que quando Olorum encarregou Oxalá de fazer o mundo e modelar o ser humano, o orixá tentou vários caminhos Tentou fazer o homem de ar, como ele. Não deu certo, pois o homem logo se desvaneceu. Tentou fazer de pau, mas a criatura ficou dura. De pedra ainda a tentativa foi pior. Fez de fogo e o homem se consumiu. Tentou azeite, água e até vinho-de-palma, e nada. Foi então que Nanã veio em seu socorro. Apontou para o fundo do lago com seu ibiri, seu ceptro e arma, e de lá retirou uma porção de lama. Nanã deu a porção de lama a Oxalá, o barro do fundo da lagoa onde morava ela, a lama sob as águas, que é Nanã. Oxalá criou o homem, o modelou no barro, com um sopro de Olorum ele caminhou, com a ajuda dos orixás povoou a terra. Mas tem um dia que o homem morre e seu corpo tem que retornar à terra, voltar à natureza de Nanã Buruku. Nanã deu a matéria no começo, mas quer de volta no final tudo o que é seu.

### *Nanã esconde o filho feio e exhibe o filho belo [94]*

Conta-se que Nanã teve dois filhos.



Oxumarê era o filho belo e Omulu, o filho feio.  
Naná tinha pena do filho feio  
e cobriu Omulu com palhas, para que ninguém o visse  
e para que ninguém zombasse dele.

Mas Oxumarê era belo,  
tinha a beleza do homem  
e tinha a beleza da mulher.  
Tinha a beleza de todas as cores.  
Naná o levantou bem alto no céu  
para que todos admirassem sua beleza.  
Pregou o filho no céu com todas as suas cores  
e o deixou lá para encantar a Terra para sempre  
e lá ficou Oxumarê, à vista de todos.  
Pode ser admirado em seu esplendor de cores,  
sempre que a chuva traz o arco-íris.

*Naná tem um filho com Oxalufã [95]*

Naná era considerada grande justiceira  
Qualquer problema que ocorresse,  
todos a procuravam para ser a juíza das causas.  
Mas sua imparcialidade era duvidosa.  
Os homens temiam a justiça de Nanã,  
pois se dizia que Nanã só castigava os homens  
e premiava as mulheres.  
Naná tinha um jardim com um quarto para os *eguns*,  
que eram comandados por ela.  
Se alguma mulher reclamava do marido,  
Naná mandava prendê-los.  
Batina na parede chamando os *eguns*.  
Os *eguns* assustavam e puniam o marido.  
Só depois Nanã o libertava.

Ogum foi reclamar com Ifá sobre o que ocorria.  
Segundo Exu, conhecido como bisbilhoteiro,  
Naná queria dizimar os homens.  
Os orixás reunidos resolveram dar um amor para Nanã,  
para que ela se acalmasse  
e os deixasse em paz.  
Os orixás enviaram Oxalufã nessa missão.

Chegando à casa de Nanã,  
Oxalufã foi servido com ricos alimentos.  
Mas o velho pediu-lhe que fizesse um suco de *igbins*, de caracóis.  
Oxalufã, muito sábio, fez Nanã beber com ele o suco.  
Naná bebeu o *omi eró*, a água que acalma.  
Assim Nanã foi se acalmado.  
Cada dia que passava nanã se afeiçoava mais a Oxalufã  
Pouco a pouco Nanã foi cedendo aos pedidos de Oxalá.  
Mas até então Nanã não havia mostrado a ele seu jardim.  
Um dia uma mulher queixosa do marido procurou Nanã,  
e ela, aconselhada por Oxalufã, quis ouvir ambos os cônjuges,  
não só a mulher, mas também o marido.

Naná tinha se acalmado.  
Mostrou de vez todo o seu reino a Oxalufã.  
Mostrou também como comandava os *eguns*.  
Oxalá observou tudo.  
Um dia, quando Nanã se ausentou de casa,  
Oxalá vestiu-se de mulher e foi ter com os *eguns*.  
Com a voz mansa como a da velha,  
Oxalá ordenou aos *eguns* que dali em diante  
eles atenderiam aos pedidos do homem que vivia na casa dela.

Em sua volta Nanã foi surpreendida com a afirmação de Oxalá,  
que ele também mandaria nos *eguns*.

Mesmo contrariada, Nanã acatou o dito,  
pois estava enamorada do velho,  
queria ter com ele um filho.  
Mas Oxalá disse a Nanã  
que não poderiam ter esse filho,  
pois ambos tinham o mesmo sangue.  
Nanã estava inconformada  
e não aceitou o interdito.  
Nanã preparou uma comida contendo um pó mágico  
e o pó fez com que Oxalá adormecesse.  
Aproveitando-se do sono de Oxalufã,  
Nanã deitou-se com ele e engravidou.  
Quando acordou,  
Oxalá ficou muito contrariado.  
Não podia mais confiar em Nanã,  
pois Nanã se aproveitara do sono de Oxalá.  
E Oxalá teve que abandonar Nanã.  
Abandonou Nanã e foi viver com Iemanjá.

*Nanã proíbe instrumentos de metal em seu culto [96]*

A rivalidade entre Nanã Buruku e  
Ogum data de tempos. Ogum, o ferreiro guerreiro,  
era o proprietário de todos os metais.  
Eram de Ogum os instrumentos de ferro e aço.  
Por isso era tão considerado entre os orixás,  
pois dele todas as outras divindades dependiam.  
Sem a licença de Ogum não havia sacrifícios;  
sem sacrifício não havia orixá.  
Ogum é o Oluobé, o Senhor da Faca  
Todos os orixás o reverenciavam.  
Mesmo antes de comer pediam licença a ele  
pelo uso da faca, o obé com que se abatiam os animais  
e se preparava a comida sacrificial.

Contrariada com essa precedência dada a Ogum,  
Naná disse que não precisava de Ogum para nada,  
pois se julgava mais importantes do que ele.

“Quero ver como vais comer,  
sem faca para matar os animais”, disse Ogum.

Ela aceitou o desafio e nunca mais usou a faca.

Foi sua decisão que, no futuro,  
nenhum de seus seguidores se utilizaria de objetos de metal  
para qualquer cerimônia em seu louvor.

Que os sacrifícios feitos a ela  
fossem feitos sem a faca,  
sem precisar da licença de Ogum.

## REFERÊNCIAS

ALEXINO, Ricardo. Etnomidialogia: diversidade e sua interseção com a difusão científica. Rio de Janeiro: XXXVIII Intercom, 2015.

BASTIDE, Roger. As Religiões Africanas no Brasil: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira, 1971.

\_\_\_\_\_. O candomblé da Bahia. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.

BESOURO. Direção de João Daniel Tikhomiroff. Produção de Vicente Amorim, Fernando Souza Dias e João Daniel Tikhomiroff. Brasil: BUENA VISTA/MIXER, 2009. Dur. 95 min, color.

BRAGA, Júlio. Ancestralidade Afro-Brasileira: o culto de babá egum. Salvador: CEAO/Ianamá, 1992.

CAMPBELL, Joseph . O Poder do Mito. 1ª . ed. São Paulo: Palas Athena, 1990. p. 250

JUNG, C.G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo ; tradução de Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva. - Perrópolis, RJ : Vozes, 2000.

PRANDI, Reginaldo. Mitologia dos Orixás. São Paulo: Cia. das Letras, 2001.